

Entre quebras e reconstruções: a identidade adolescente em tempos de conexões e afetos instáveis

**Maria da Conceição A. de A. Paixão¹,
Maceió**

RESUMO: A adolescência é uma etapa marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, que impactam diretamente a construção da identidade e as formas de pertencimento. Nesse período, os jovens buscam reconhecimento e validação, tanto em grupos presenciais quanto em ambientes virtuais. As redes sociais, os vínculos de amizade e os contextos escolares passam a desempenhar um papel fundamental na formação da autoimagem e no desenvolvimento de competências socioemocionais. No cenário contemporâneo, as exigências por visibilidade, desempenho e adequação a padrões contribuem para o aumento de inseguranças e instabilidades emocionais. Diante disso, o *setting* terapêutico precisa se adaptar às novas realidades, acolhendo as linguagens e expressões singulares da adolescência. Este artigo discute, ainda, um fragmento clínico que ilustra como experiências concretas podem funcionar como catalisadores simbólicos de conflitos internos, destacando a importância de uma escuta clínica sensível, ética e contextualizada. Compreender a adolescência, portanto, exige uma abordagem que articule aspectos psíquicos, sociais e culturais, promovendo espaços de acolhimento e fortalecimento da identidade juvenil.

1. Psicóloga CRP 15/0797, Mestra em Psicanálise – *John Kennedy Universidad*, Argentina; Psicanalista Membro Efetivo e Didata da Sociedade Psicanalítica do Recife; Membro do Núcleo Psicanalítico de Maceió; Filiada à Federação Brasileira de Psicanálise – FEBRAPSI, Componente da *International Psychoanalytical Association* – IPA; Doutoranda em Psicologia - *Universidad Flores*, UFLO, Argentina.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência, dinâmicas sociais, relações em grupo, conflitos interpessoais.

Conceitos gerais sobre adolescência

Do ponto de vista psicanalítico, Freud (1912) reconhecia a importância do setting terapêutico como condição fundamental para a elaboração psíquica. Com as transformações sociais e culturais atuais, esse espaço de escuta e acolhimento precisa ser constantemente atualizado para atender às novas demandas da subjetividade contemporânea. Mais adiante (1930), ressalta que a participação em grupos envolve uma tensão contínua entre os impulsos individuais e as exigências impostas pelo convívio social. Nesse sentido, os grupos juvenis, como os círculos de amizade, as tribos urbanas ou as comunidades *online*, podem ser compreendidos como espaços intermediários, nos quais o adolescente negocia sua identidade, elabora conflitos internos e busca pertencimento, sem abrir mão da expressão de si mesmo.

Nesse contexto, a adolescência se apresenta como uma fase particularmente sensível e complexa. Trata-se de um período de transição marcado por intensas mudanças físicas, emocionais e sociais, que impactam diretamente a construção da identidade e a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo (Erikson, 1968; Piaget, 1970). É uma etapa de reorganização interna, na qual o sujeito busca afirmar seu *self* e encontrar pertencimento, o que torna ainda mais relevante o papel dos grupos juvenis como espaços simbólicos para a elaboração dessas transformações psíquicas.

Rosa et al (2012) exploram como os desafios inerentes à adolescência se entrelaçam com as transformações do laço social que envolve as mensagens do mundo digital. Ela (2012) destaca como as redes sociais e as dinâmicas de aceitação e rejeição *online* influenciam a subjetividade adolescente, gerando novas formas de angústia e de expressão do sofrimento que são centrais na experiência atual dos jovens.

Winnicott (1965) já destacava a importância de um ambiente afetivo e acolhedor, funcionando como um “suporte” para que o adolescente consiga

desenvolver uma identidade autêntica, ou seja, ser quem realmente é sem grandes disfarces. No entanto, Birman (2014) nos alerta que os jovens enfrentam desafios ainda maiores para construir essa identidade. As exigências sociais contemporâneas, muitas vezes ditadas pelo mundo digital e pela pressão por desempenho e visibilidade, intensificam sentimentos de insegurança e instabilidade emocional. É como se a busca por ser autêntico se chocasse com a necessidade de se encaixar em padrões externos.

A formação da identidade na adolescência é profundamente influenciada pelas interações sociais, um fenômeno que hoje apresenta novas complexidades. Amizades, grupos escolares e tribos urbanas sempre foram espaços essenciais para o pertencimento e o reconhecimento dos adolescentes, servindo como um reflexo para a construção do “eu”.

Com o avanço das redes sociais, as dinâmicas de grupo se expandiram e se transformaram no ambiente virtual. Agora, os jovens constroem laços e formam comunidades digitais baseadas em afinidades. Plataformas como Instagram e TikTok intensificam a visibilidade, trazendo consigo novas exigências para a construção da imagem pessoal e para a gestão da própria narrativa.

A contínua fusão entre o real e o virtual cria um cenário complexo e desafiador para a formação da identidade, com implicações significativas para a prática clínica contemporânea. Nesse contexto, Gomes, Pedrosa e Teixeira (2021) explicam que a exibição do “eu” nas redes sociais se torna um imperativo. Isso redefine o narcisismo e as formas de reconhecimento, intensificando tanto a busca por pertencimento quanto a vulnerabilidade a rejeições.

Segundo Brown (2004), no ambiente escolar, as amizades e os grupos sociais são fundamentais na construção da identidade e na busca por pertencimento. Jovens com interesses em comum ou que enfrentam desafios parecidos encontram nesses grupos uma rede de apoio emocional que influencia diretamente a percepção que têm de si mesmos e do mundo.

Freud (1921) já destacava que o indivíduo encontra nos grupos um sentimento de pertencimento que ajuda a aliviar a ansiedade e a solidão

inerentes à condição humana. Complementando essa perspectiva, Kaës (2000) analisa o papel do grupo na elaboração psíquica, ressaltando a importância das representações coletivas na formação da identidade e no enfrentamento dos conflitos próprios da adolescência.

Na adolescência, os grupos de amizade são essenciais, mas também trazem conflitos que refletem tensões psíquicas internas. Essas experiências, porém, estimulam o desenvolvimento de empatia e habilidades sociais (Brown, 2004; Erikson, 1968). Fora do contexto escolar, o desejo de pertencimento leva os jovens a integrarem tribos juvenis, que contribuem para a construção da identidade e oferecem espaços simbólicos para a elaboração de conflitos e fortalecimento do “eu” (Twenge, 2017; Erikson, 1968).

Esses coletivos oferecem acolhimento, reconhecimento e oportunidades para o exercício da autonomia. Nesse cenário, a convivência com os pares impulsiona os adolescentes a explorar limites, elaborar conflitos internos e ampliar sua identidade (Smetana, 2011).

Nesse contexto, educadores, pais e profissionais da saúde exercem um papel essencial na mediação do desenvolvimento social dos adolescentes. Criar ambientes seguros para a expressão individual, incentivar a escuta ativa e promover relações baseadas na aceitação e no diálogo são estratégias fundamentais para fortalecer as habilidades socioemocionais dos jovens, preparando-os para lidar com os desafios e complexidades próprios dessa fase (Allen & Loeb, 2015).

O setting terapêutico contemporâneo

A configuração do ambiente terapêutico na atualidade é impactada pelas transformações sociais, culturais e tecnológicas que atravessam o mundo contemporâneo. O avanço das tecnologias digitais e a globalização dissolvem as fronteiras entre o físico e o virtual, transformando os laços sociais e as formas de expressão, especialmente entre os adolescentes, que vivenciam intensamente essas mudanças.

A reconfiguração das estruturas familiares, os debates sobre gênero e

identidade, e a intensificação da urbanização também modificam as formas de convivência e exigem novas perspectivas sobre os espaços de cuidado. Nesse cenário, o *setting* terapêutico precisa ser repensado como um espaço ampliado, flexível e sensível à diversidade. Mais do que um local físico, ele se torna um campo ético e relacional, capaz de acolher subjetividades afetadas pelas dinâmicas do mundo digital, urbano e multicultural (Freire; Fernandes, 2006).

Trabalhar com adolescentes hoje em dia exige o desenvolvimento de vínculos, sendo assim, um bom exemplo são os grupos terapêuticos mediados por temas e linguagens das redes sociais. Eles facilitam o diálogo e permitem que os jovens processem suas experiências em espaços coletivos de escuta, promovendo acolhimento, troca simbólica e o fortalecimento da identidade.

Na prática clínica com adolescentes, é comum observar jovens que expressam angústias intensas relacionadas à exposição nas redes sociais. Muitos relatam a sensação de que só serão amados ou valorizados se corresponderem a uma imagem idealizada de perfeição, uma construção subjetiva frequentemente alimentada por padrões familiares de exigência e pelas pressões do meio digital.

Nessas situações, o sofrimento se manifesta de formas sutis, como a dificuldade de tomar decisões, a autocrítica excessiva ou a procrastinação de tarefas importantes. Tais comportamentos funcionam, muitas vezes, como defesas psíquicas que evitam o contato com sentimentos de fracasso ou inadequação. A idealização de si surge, nesse contexto, como uma tentativa inconsciente de atender expectativas internas e externas, preservando a autoestima diante de um cenário de julgamentos constantes. A procrastinação, nesse sentido, aparece como uma forma de evitar o risco da queda: ao adiar, o adolescente mantém viva a fantasia de que, se tentasse, seria perfeito.

O *setting* terapêutico, diante dessas expressões do mal-estar, precisa se expandir para acolher as vivências do universo virtual como parte legítima da construção subjetiva, oferecendo espaço para a escuta de conflitos que

atravessam o real e o digital. Nesses encontros, a clínica pode se tornar um lugar de reconstrução do “eu”, onde o adolescente passa a se autorizar a existir com suas falhas, limites e singularidades.

Refletir sobre as complexas dinâmicas sociais vivenciadas na adolescência evidencia que essa etapa do desenvolvimento vai além das transformações individuais. Trata-se de um momento decisivo na construção da identidade e na formação de vínculos significativos, como destacam tanto Brown (2004), ao enfatizar o papel das relações interpessoais nesse período, quanto Erikson (1968), ao apontar a busca por pertencimento e definição do “eu” como tarefas centrais do desenvolvimento adolescente. A demanda por pertencimento, portanto, não deve ser confundida com uma simples repetição de experiências infantis, mas compreendida como parte de um processo natural e estruturante da adolescência. Nesse sentido, a escuta clínica precisa considerar não apenas os conteúdos internos do sujeito, mas também os atravessamentos culturais e relacionais que incidem sobre ele, possibilitando uma abordagem mais sensível, ética e contextualizada.

A busca por aceitação e pertencimento leva os adolescentes a formarem cliques, grupos nos quais compartilham valores, interesses e experiências comuns (Brown, 2004). Esses vínculos oferecem suporte emocional e funcionam como espaços simbólicos essenciais à construção da identidade e do *self* (Levisky, 2025). Ao se sentirem reconhecidos nesses grupos, os jovens desenvolvem resiliência emocional e habilidades sociais importantes, como empatia, cooperação e compreensão (Way & Greene, 2006; Rubin et al., 2006).

As amizades e os grupos escolares são fundamentais para a formação da autoimagem do adolescente, ajudando-o a compreender seus valores e a maneira como deseja ser percebido (Harter, 2012). No entanto, essa busca por aceitação também pode gerar tensões e angústias, como o medo da rejeição e a necessidade de conformidade (Allen & Seaman, 2014). Sob a ótica freudiana, essas tensões refletem o conflito entre os desejos individuais e as normas sociais (Freud, 1923).

Nesse sentido, é essencial que educadores e responsáveis promovam ambientes inclusivos, que valorizem a diversidade e respeitem as diferenças (Poteat & Russell, 2013). Os desafios da aceitação impactam diretamente a autoestima e a autoconfiança dos adolescentes, que tentam equilibrar as expectativas sociais com a expressão autêntica de si mesmos (Meeus, 2011). Para favorecer esse processo, educadores e pais devem criar ambientes seguros, onde as identidades sejam validadas e as diferenças, acolhidas (Morrison & Peterson, 2020).

A escola, a família e os profissionais da saúde desempenham papéis complementares no apoio emocional e social aos adolescentes. Compreender as interações sociais nessa fase é crucial para formar indivíduos capazes de construir relações saudáveis e resilientes (Bronfenbrenner, 1979), contribuindo para um futuro baseado na empatia e no respeito mútuo.

Uma das características marcantes da adolescência é a oscilação entre comportamentos emocionalmente desorganizados e períodos de relativa estabilidade. Essa alternância decorre, em grande parte, da intensificação pulsional típica da fase, em que os impulsos instintivos frequentemente se sobrepõem à capacidade de regulação do “eu” e às exigências do “supereu”.

Diante dessa configuração psíquica em constante transformação, os adolescentes expressam demandas subjetivas singulares, que requerem uma escuta clínica atenta e diferenciada. Compreender essas especificidades implica, desde o início do processo terapêutico, uma adaptação cuidadosa da escuta, da linguagem e dos recursos de vínculo.

Além disso, no contexto da clínica psicanalítica, vivências concretas, como eventos corporais ou situações familiares, podem atuar como catalisadores simbólicos de conflitos psíquicos. A fantasia de castração, conceito central da teoria freudiana, pode emergir de maneira simbólica em tais experiências, representando a perda de valor ou de poder subjetivo diante do olhar do outro, especialmente de figuras parentais significativas.

Esses conceitos são fundamentais para compreender a complexidade das experiências vividas pelos adolescentes, ressaltando a importância de

uma escuta clínica sensível e acolhedora, que considere suas singularidades. A seguir, apresenta-se um fragmento clínico que exemplifica como tais aspectos se manifestam na prática terapêutica.

Uma adolescente de 12 anos foi encaminhada ao ambulatório de saúde mental por um cirurgião-dentista após apresentar sintomas de aperto no peito, falta de ar e episódios de tontura, como se fosse desmaiar. Os sintomas tiveram início após a extração de um dente cariado, cuja remoção foi indicada devido à impossibilidade de recuperação do elemento dentário. A paciente relatou que, com o fim do período de férias se aproximando, decidiu procurar atendimento odontológico e seguiu a orientação profissional para a realização do procedimento. No entanto, após a extração, passou a apresentar sintomas físicos de ansiedade, motivo pelo qual foi referenciada para avaliação psicológica especializada. Apresento a seguir, fragmentos da fala e observação da analista, na sessão.

P: Eu fiquei com muito medo. Pensei: como o dentista vai conseguir tirar esse dente? Ele estava tão quebrado, parecia só um caquinho, achei que ia despedaçar. Mas ela conseguiu tirar inteiro... só que doeu demais.

Enquanto relatava o acontecimento, sua respiração tornou-se ofegante, havia falta de ar e os olhos marejados revelavam que o sofrimento ainda estava presente, como se revivesse tudo outra vez.

Durante o procedimento odontológico, especialmente pelo medo de quebra do dente na extração, o que a levou a sentir falta de ar e ficar ofegante ao relembrar a experiência.

A – Perguntei se, além da extração dentária, algo mais havia ocorrido nos últimos dias de férias.

P - Fui passar uns dias na casa do meu pai, mas minha mãe não queria muito que eu fosse. Quando cheguei lá, achei meu pai diferente... ele estava brigando comigo por qualquer coisa. Nas outras vezes, ele não era assim. Ele tem um filho doente, com paralisia, com a outra mulher dele. Ai me pediu

pra trocar a roupa do meu irmão. Eu tentei, mas não consegui segurar ele... Foi quando meu pai falou: 'Essa menina é muito broca!' Na hora, eu não disse nada. Fiquei muito triste, muito chateada... Chorei, mas só depois. Não consegui falar nada. (Começa a chorar ao final do relato).

A paciente falou sobre uma visita na casa do pai, onde percebeu mudanças no jeito dele e momentos que mexeram bastante com seus sentimentos. Ela contou que ele fez alguns comentários que a deixaram bem abalada emocionalmente.

A – *Qual é a idade do seu irmão?*

P – *Cinco anos. (A paciente é uma adolescente de estatura pequena).*

A – *Ele parece muito grande para você conseguir trocar a roupa dele sozinha.*

P – *É... ele não ajuda em nada, é todo molengo. (Neste momento, notei que sua respiração estava mais tranquila.) E outra coisa que ele fez foi brigar comigo, dizendo que eu só vivo na rua. Disse isso todo abusado, mas não é verdade. Ele nem sabe da minha vida com a minha mãe, não mora com a gente pra saber.*

A – *Parece que isso te magoou bastante... talvez por ele esperar algo de você que não era justo nem possível naquele momento.*

P – *Sim, foi isso. Quando ele me viu chorando, só falou: "Não repare, eu sou assim mesmo em casa", como se estivesse justificando o jeito dele de me tratar.*

A – *Parece que, de algum modo, ele tentou justificar o que aconteceu... Talvez estivesse dizendo que a dificuldade era dele, não sua.*

P – *Eu acho que ele tem problemas com a mulher dele, mas não devia ter descontado isso em mim. Fiquei com muita raiva... Estou até pensando em ligar pro trabalho dele e contar que ele foi muito grosseiro comigo, que descontou em mim a raiva que sente da vida dele.*

Pode-se observar, no relato da paciente, uma angústia associada à vivência de rejeição paterna, além de uma sensação de impotência, manifestada pela dificuldade em realizar a tarefa de trocar a roupa do irmão com deficiência. Essa experiência parece ter intensificado sentimentos de vulnerabilidade e frustração, gerando ressentimento diante do dano emocional sofrido, o qual a paciente tenta simbolicamente reparar ou compensar por meio de fantasias de retaliação ou ruptura com o pai.

A fantasia de castração, conceito central da teoria psicanalítica, emerge de forma simbólica nesse contexto, representada pela extração dentária, evento que desencadeia sintomas somáticos relacionados à ansiedade. O dente “estragado”, que precisou ser removido, pode ser interpretado como um objeto ameaçado, deslocado da cena original do conflito, funcionando como metáfora para a perda do “poder” ou do valor simbólico da paciente diante do olhar do pai.

A ausência de reconhecimento paterno frente à importância subjetiva desse “poder” para a adolescente, agrava a ferida narcísica, reforçando o sentimento de desvalorização. Essa vivência é ainda mais complexa se considerada a posição da mãe, que inicialmente se opôs à visita ao pai. Tal oposição pode ser compreendida, do ponto de vista psicanalítico, como uma configuração materna que impede ou dificulta o acesso à figura paterna, o que, para a adolescente, pode acionar sentimentos de culpa persecutória relacionados à transgressão dessa interdição materna.

Assim, o conjunto das experiências relatadas revela uma dinâmica densa entre desejo, interdições e conflitos de lealdade, em que a adolescente se vê atravessada por afetos ambivalentes e por uma busca ainda incipiente de diferenciação subjetiva. O episódio evidencia como vivências concretas (como um procedimento odontológico) podem operar como catalisador simbólico de conflitos psíquicos.

Uma das características marcantes da adolescência é a oscilação entre comportamentos emocionalmente desorganizados e períodos de relativa estabilidade. Essa alternância decorre, em grande parte, da intensificação pulsional típica da fase, na qual os impulsos instintivos frequentemente se

sobrepõem à capacidade de regulação do “eu” e às exigências do “supereu”.

Diante dessa configuração psíquica em constante transformação, os adolescentes expressam demandas subjetivas singulares, que requerem uma escuta clínica atenta e diferenciada. Compreender essas especificidades implica, desde o início do processo terapêutico, uma adaptação cuidadosa na condução da primeira entrevista, considerando tanto a linguagem quanto os recursos de vínculo e acolhimento adequados à faixa etária e ao momento emocional da paciente.

BETWEEN BREAKS AND RECONSTRUCTIONS: ADOLESCENT IDENTITY IN TIMES OF CONNECTIONS AND UNSTABLE AFFECTS

ABSTRACT: Adolescence is a stage marked by intense physical, emotional, and social transformations that directly impact identity construction and experiences of belonging. During this period, young people seek recognition and validation through both in-person interactions and digital environments. Social media, friendships, and school contexts play a crucial role in shaping self-image and developing socio-emotional skills. In today's world, demands for visibility, performance, and conformity to external standards contribute to growing insecurity and emotional instability. Therefore, the therapeutic setting must adapt to contemporary realities, welcoming the unique languages and expressions of adolescence. This article also presents a clinical fragment that illustrates how concrete experiences may symbolically catalyze inner conflicts, highlighting the need for sensitive, ethical, and context-aware clinical listening. Understanding adolescence thus requires an approach that integrates psychological, social, and cultural dimensions, fostering spaces for support and the strengthening of youth identity.

KEYWORDS: adolescence, social dynamics, group relationships, interpersonal conflicts.

ENTRE RUPTURAS Y RECONSTRUCCIONES: LA IDENTIDAD ADOLESCENTE EN TIEMPOS DE CONEXIONES Y AFECTOS INESTABLES

RESUMEN: La adolescencia es una etapa marcada por intensas transformaciones físicas, emocionales y sociales, que impactan directamente en la construcción de la identidad y las formas de pertenencia. En este período, los jóvenes buscan reconocimiento y validación, tanto en grupos presenciales como en entornos virtuales. Las redes sociales, los vínculos de amistad y los contextos escolares pasan a desempeñar un papel fundamental en la formación de la autoimagen y en el desarrollo de competencias socioemocionales. En el escenario contemporáneo, las exigencias de visibilidad, rendimiento y adecuación a los estándares contribuyen al aumento de inseguridades e inestabilidades emocionales. Ante esto, el setting terapéutico necesita adaptarse a las nuevas realidades, acogiendo los lenguajes y expresiones singulares de la adolescencia. Este artículo discute, además, un

fragmento clínico que ilustra cómo las experiencias concretas pueden funcionar como catalizadores simbólicos de conflictos internos, destacando la importancia de una escucha clínica sensible, ética y contextualizada. Comprender la adolescencia, por lo tanto, exige un enfoque que articule aspectos psíquicos, sociales y culturales, promoviendo espacios de acogida y fortalecimiento de la identidad juvenil.

PALABRAS CLAVE: adolescencia, dinámicas sociales, relaciones grupales, conflictos interpersonales.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, I. E.; SEAMAN, J. *Opening the Curriculum: Open Educational Resources in US Higher Education*. Babson Survey Research Group, 2014.
- ALLEN, Joseph P.; LOEB, Emily L. The autonomy-connection challenge in adolescent-peer relationships. *Child Development Perspectives*, v. 9, n. 2, p. 101-105, 2015.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BRONFENBRENNER, Urie. *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
- BROWN, B. B. Adolescents' relationships with peers. In: LERNER, R. M.; STEINBERG, L. (Ed.). *Handbook of adolescent psychology*. 2. ed. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2004. p. 363-394.
- ERIKSON, E. H. *Identity: youth and crisis*. New York: W.W. Norton & Company, 1968.
- FREIRE FILHO, João; FERNANDES, Fernanda Marques. Jovens, espaço urbano e identidade: reflexões sobre o conceito de cena musical. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 2006.
- FREUD, S. O ego e o id. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 11-83. (Originalmente publicado em 1923).
- FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1912).
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras completas*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1930).
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. *Obras completas*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1921).
- GOMES, A. C. de C.; PEDROSA, F. R. B. de A.; TEIXEIRA, L. C. Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, v. 24, p. 91-99, 2021.
- HARTER, S. *Perfil de autopercepção para adolescentes: manual e questionários*. Denver, CO: Universidade de Denver, Departamento de Psicologia, 2012. p. 31-45.
- KAËS, René. Travail de la mort et théorisation. Le groupe autour de Freud entre 1910 et 1921. In: GUILLAUMIN, J. et al. *L'invention de la pulsion de mort*. Paris: Dunod, 2000. p. 131-151.
- LEVISKY, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Editora Blucher, 2025.
- MEEUS, W. The study of adolescent identity formation 2000–2010: A review of longitudinal research. *Journal of Research on Adolescence*, v. 21, n. 1, p. 75–94, 2011.

- PIAGET, J. *Genetic epistemology*. New York: Columbia University Press, 1970.
- POTEAT, V. Paul; RUSSELL, Stephen T. Understanding homophobic behavior and its implications for policy and practice. *Theory into Practice*, v. 52, n. 4, p. 264-271, 2013.
- RUBIN, Kenneth H.; BUKOWSKI, William M.; LAURSEN, Brett (Ed.). *Handbook of peer interactions, relationships, and groups*. New York: Guilford Press, 2011.
- SMETANA, J. G. *Adolescents, families, and social development: how teens construct their worlds*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011.
- TWENG, J. M. *iGen: why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy—and completely unprepared for adulthood—and what that means for the rest of us*. New York: Atria Books, 2017.
- WAY, Niobe; GREENE, Melissa L. Trajectories of perceived friendship quality during adolescence: the patterns and contextual predictors. *Journal of Research on Adolescence*, v. 16, n. 2, p. 293-320, 2006.
- WINNICOTT, D. W. *The maturational processes and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. New York: International Universities Press, 1965.

concirolepaixao@hotmail.com